

## Drama: da tragédia à filosofia

O drama foi a expressão original da filosofia. Platão, aquele a quem remetemos o sentido mesmo da palavra “filosofia”, inventou o “drama filosófico”. E embora criticasse e censurasse gravemente o teatro, elegeu o drama como forma privilegiada de expressão filosófica. O diálogo é a forma mais eficaz de purificação do caráter, do pensamento e das opiniões humanas, como dirá o *Sofista*. Sem o “drama” portanto não pode haver progresso no pensamento, já que “pensar é sempre dialogar, seja com um outro, seja consigo mesmo, isto é, com sua própria alma”.

Escrita sob a forma de “diálogos”, e não de tratados, a obra de Platão é uma apologia ao drama, não a qualquer tipo de drama, mas ao drama específico da filosofia, o dialegesthai, a conversa-exame da dialética, estilo que Aristóteles, na *Poética*, diz não saber definir e cujo principal alvo é o dogmatismo em que estão mergulhadas as opiniões dos que pensam saber, quando na verdade nada sabem. A esse respeito, uma passagem do *Sofista* (230b-e) é esclarecedora. Aí, a tarefa do dialético, — descrito como aquele que, através de perguntas e respostas, examina os homens sobre assuntos em que “pensam estar dizendo algo de valor, embora na realidade não estejam dizendo coisa alguma”, — é entendida como sendo a de um purificador (o verbo grego *kathairo*, que significa purificar, de mesma raiz do substantivo *katharsis*, catarse, é usado em toda essa passagem) de “opiniões autoritárias e inflexíveis” (*megalon kai skleron doxon*). Assim como os médicos, que acreditam que “o corpo não pode se beneficiar do alimento que recebe até que os obstáculos internos sejam removidos,” assim também o dialético acredita que a alma não pode se beneficiar do conhecimento “até que um refutador faça o refutado sentir vergonha, liberando-o das opiniões que impedem os conhecimentos e o mostre purificado e pensando que ele sabe apenas o que de fato sabe, e nada mais”.

É muito comum ver, sobretudo nos chamados diálogos socráticos, o dogmatismo em que estão mergulhadas as opiniões dos que pensam saber quando na verdade nada sabem. A irritação e a perplexidade causadas pelo uso do método da refutação (*elenchos*) e mesmo a indisposição de se submeter a ele,

como acontece, por exemplo, no *Filebo* com a personagem de mesmo nome, são apenas demonstrações do desprezo habitual que os homens comuns têm pelo exame de suas opiniões e, em consequência, das opiniões alheias. Pois, que outra razão os faria sentir-se mal ou recusar-se a entrar no jogo senão a de que nunca se importaram em examinar suas próprias opiniões, “se são, ou não, as mais felizes (verdadeiras) com relação a este ou àquele assunto?”

Como corretamente observou Monique Dixsaut, em *Le naturel philosophe: essai sur les Dialogues de Platon*, o diálogo é a forma literária mais apropriada para a filosofia, porque somente ele, através de seus recursos dramáticos, é capaz de transportar aquele que o lê (e relê) para o interior mesmo de sua problemática, “afetando-o, alterando-o, liberando-o, persuadindo-o da força do *logos* e da necessidade do filosofar, tornando-o, enfim, parte do seu próprio drama”. Conclui-se daí a relevância e o valor, às vezes negados pelos estudiosos, que esse tópico tem para a filosofia.

Do ponto de vista filosófico, esse é, portanto, o contexto em que se insere o tema escolhido: “Drama: da tragédia à filosofia”, sendo sua importância para a filosofia antiga, por todas as razões já mencionadas, comparável à da própria dialética. Uma última observação quanto à organização desses volumes é a de que quase todos os textos aqui publicados foram apresentados em evento de mesmo nome que reuniu professores, pesquisadores e pós-graduandos, também de outras universidades brasileiras, em outubro de 2017, na PUC-Rio.

Irley F. Franco e Renato Matoso Brandão  
ORGANIZADORES